

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

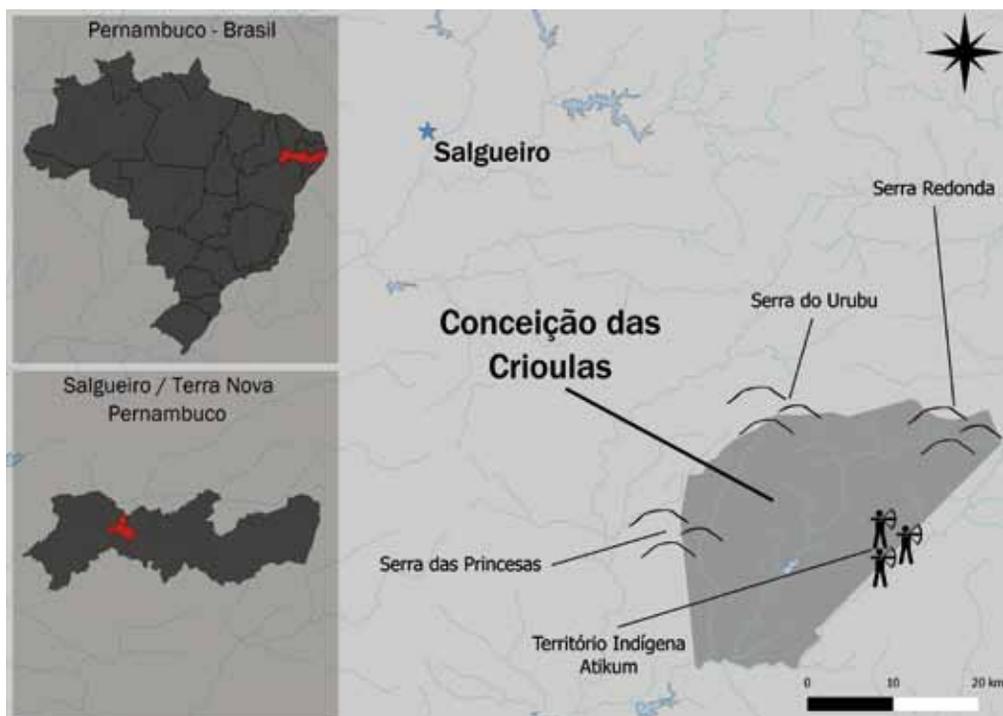
O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas está localizada no 2º distrito do município de Salgueiro, sertão de Pernambuco, a aproximadamente 550 km de Recife. Moram no quilombo cerca de 750 famílias divididas em 16 núcleos populacionais, conhecidos como *sítios*. Com mais de 200 anos de história, Conceição foi fundada por seis “crioulas” que chegaram livres à região entre fins do século 18 e início do século 19. Elas arrendaram uma área de 3 léguas em quadra, paga por meio do trabalho na lavoura e na fiação de algodão, que era vendido em cidades vizinhas. Mais tarde, em 1802, as crioulas adquiriram a escritura de suas terras.



O nome do quilombo ressalta a importância das mulheres na conquista de seu território e a devoção a Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem pertencia a um homem chamado Francisco José, que chegou ao local juntamente com as fundadoras. A devoção se expressa na edificação de uma capela e na doação, pela crioula Francisca Ferreira, de parte das terras conquistadas à padroeira. “Eu tinha uma tia que tinha escritura do círculo [perímetro] da Fazenda Conceição das Crioulas”, conta Seu Virgínio Vicente, morador do Sítio da Lagoa. “Eu li muito essas escrituras. (...) uma era Conceição das Crioulas e outra era N. Sra. da Conceição e [as duas] dão os pontos assim do círculo”. “No lugar da igreja tinha uma casa de oração, mas não tinha igreja”, lembra dona Mariana Raimunda. “Eram as crioulas que rezavam e que faziam tudo”.

A comunidade recebeu um primeiro título de suas terras por meio da Fundação Cultural Palmares no ano 2000, mas os ocupantes externos não foram retirados e um novo processo foi aberto no Incra em 2004. Conceição das Crioulas reivindica um território de 16.865 ha, parte dele hoje conquistado pela comunidade com a desapropriação de oito fazendas no interior do território quilombola.

Conceição das Crioulas é uma referência estadual e nacional na luta quilombola pela reivindicação de direitos. Fruto dessa luta são as conquistas obtidas pelo quilombo, como a primeira biblioteca afro-indígena do Brasil, a implantação de uma educação específica e diferenciada e a conquista de um concurso específico para a categoria quilombola, que servem de inspiração para outros quilombos pernambucanos e brasileiros.

História das terras das crioulas

Entre os séculos 17 e 19 o sertão de Pernambuco constituiu-se principalmente como área de refúgio para um expressivo número de negros e indígenas. Esses agrupamentos – que fugiam das frentes de expansão da cana-de-açúcar e do gado – ocuparam a região e criaram laços de solidariedade, parentesco e convivência. Esse é o caso

de Conceição das Crioulas, cuja origem remonta a fins do século 18 ou início do século 19.

A origem das Crioulas e as razões que motivaram seu deslocamento para o sertão são imprecisas. Algumas referências indicam que elas teriam partido de um lugar chamado Panelas ou Panelas d'Água. Outras referências, apesar de não indicarem sua origem, afirmam que elas vieram em companhia de outros negros fugidos da escravidão. “Eu escuto o pessoal dizer que era um povo que fugiu da escravidão”, diz J.A., da Vila de Conceição das Crioulas. “Veio pelas margens do Rio São Francisco [...] mas como o São Francisco tinha transporte fácil [...] eles vieram se embrenhar por dentro destas terras.”

Apesar de diferentes versões, é unânime entre os quilombolas que as fundadoras não chegaram como escravizadas, como registra o relato de uma moradora não identificada da comunidade: **“Minha vó sempre dizia: nós somos pobres e negras como somos. Só não temos o pé torno, quer dizer: pé torno é a negra cativa...”**.

Ao chegarem à região, as seis crioulas arrendaram uma área de três léguas em quadra, onde cultivavam e fiavam algodão com o objetivo de comprar o terreno. O algodão produzido era vendido no município vizinho de Flores. Com a renda auferida, em 1802, as fundadoras adquiriram suas terras. **“Não existia branco, não tinha esse problema de branco [...] dizem que [o começo da comunidade] foi as crioulas, não é crioulo, é crioulas”**, enfatiza Seu Virgínio Vicente. “Arrendaram este terreno aqui, um quadro, e foram pagando a renda, fiavam uma lâzinha de algodão, aquelas bo-lazinhas, e foram vender em Flores. (...) até que venceu esse tempo e ficaram donas.”

Alguns relatos indicam que a renda das terras tinha sido paga aos reis, que moravam na Corte do Rio de Janeiro. Outros relatos indicam que teria sido paga à Casa da Torre, pertencente à família Garcia D'Ávila, que era uma das maiores latifundiárias do Nordeste. O certo é que todos os relatos asseguram que a escritura feita pelo escrivão do cartório de Flores tinha 16 selos e o carimbo da Torre.

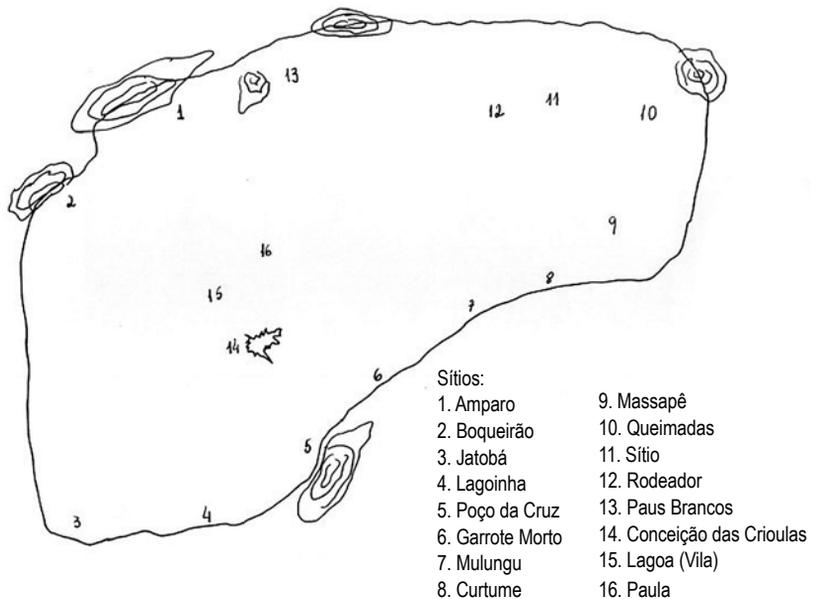
A chegada dos *brancos*

Essa realidade de autonomia vivida em Conceição das Crioulas se modificou quando os fazendeiros *brancos* chegaram à região e se apropriaram das terras ocupadas por negros e indígenas. Eles utilizavam diferentes estratégias e pouco a pouco os quilombolas foram perdendo partes significativas das “terras das crioulas”, incluindo as melhores áreas para plantio: “(Os brancos) chegavam e pediam: ‘Me dê aqui para eu colocar um curral, deixar o gado aí’”, afirma V.V.O., morador do Sítio da Lagoa. “Eles iam entrando, se apossando. (...) ‘Me venda aí dez braça (...) por um pedaço de queijo, um quarto de boi’, e foi indo assim, [...] aí foi... eles ficaram com tudo e nós quase nada.” “(Os brancos) pediam terra para botar logradouro, e [...] quando saíam já vendiam para segundas pessoas e o outro já ficava como dono”, garante J.A. “E isso aconteceu muito quando o segundo dono tomava conta daquela gleba que tinha comprado. Ele tinha condições porque tinha vaca, quem tinha vaca tinha mais poderes financeiros, né? E já cercava uma área maior, mesmo contra a vontade do próprio negro.” “Não consta assim que [as escrituras que os brancos possuem] foram registradas num tribunal, [...] tem uns sabidos que juntam papel, aí com os cartórios passaram as escrituras”, denuncia Seu Virgínio Vicente.

Esses casos foram enfrentados de forma ativa pelos quilombolas. Um dos acontecimentos marcantes na memória da comunidade é a chamada “Guerra dos Uriás”, quando os quilombolas expulsaram uma família que havia se apropriado ilegalmente de suas terras. Outra referência de resistência foi Agostinha Cabocla, guardiã da escritura das terras das crioulas, que lutou ao lado de Antônio Adrelino (Totô), Luiz Simão e outros moradores e moradoras para defender os direitos da comunidade contra os invasores de suas terras.

Vida em comunidade

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas é dividida em 16 sítios, ou núcleos populacionais: Conceição das Crioulas, Lagoa, Paula, Paus Brancos, Rodiador, Massapê, Sítio, Queimada, Garrote Morto, Poço da Pedra, Mulungu, Lagoinha, Amparo, Curtume, Boqueirão e Pedra Preta.



Croqui do Território da Comunidade Negra de Conceição das Crioulas
Localização dos sítios. Fonte: Relatório Antropológico.

Conceição das Crioulas está localizada em meio à caatinga, onde predominam árvores de pequeno e médio porte, como juazeiro, jurema-preta, arueira, baraúna, quixabeira, mameleiro, espinheiro, faveleira, caroá, macambira e mucunã. O grupo é vizinho da Terra Indígena Atikum, com quem estabelece fortes laços de parentesco. Seu território é cercado por serras, como a Serra das Crioulas, Serra das Princesas, Serra Redonda, Serra do Urubu e Serra do Umã, que guardam histórias de seus antepassados e fornecem matéria-prima

para as atividades cotidianas de agricultura, artesanato, extrativismo, dentre outros.

Tradicionalmente adultos e crianças utilizam a água dos açudes, barreiros e caldeirões de pedra mais próximos para as atividades cotidianas. Os caldeirões de pedra (reservatórios naturais de água) são uma forte marca da comunidade, que se reúne em épocas de chuva para limpá-los. A maioria deles possui nomes de pessoas do quilombo, como Caldeirão de Joana do Ó, Caldeirão de Seu Vírginio e Caldeirão de Seu Raimundo. Entretanto, para beber, os moradores se dirigiam a um barreiro mais distante, cuja água é menos suja, por haver um maior controle da entrada de animais.

O uso da água é também motivo de conflito com os fazendeiros. Um deles, certa vez, intencionou instalar canos em um açude para utilizá-lo no trato de seus animais. Os quilombolas resistiram e ele foi impedido pelo morador Antônio Andrelino, que possuía um trecho de terra num local estratégico, inviabilizando a instalação do encanamento no açude. Outro problema vivenciado pela comunidade é a falta de água e a ausência de tratamento, que contribui para a incidência de verminoses. Em 2001 foi implantado um projeto de dessalinização para amenizar o problema e, em 2004, os quilombolas conseguiram aprovar um projeto para o abastecimento de água, que estava em fase de conclusão em 2007.

A falta de terras foi durante muito tempo outro grande problema na comunidade, mas hoje parte das fazendas já foi desapropriada e está em domínio da associação e disponível para a comunidade. Antigamente, muitos sítios se encontravam cercados por fazendas de não quilombolas e muitos moradores precisavam recorrer ao arrendamento ou ao trabalho como diaristas para os fazendeiros. Ainda assim, eles sempre mantiveram roçados familiares próximos às suas casas, nas encostas das serras ou numa área chamada de *terra comum*. A terra comum é de uso e apropriação familiar e cada família se responsabiliza pelo preparo, plantio e colheita dos roçados, que não possuem cercas ou divisórias entre eles. Outras famílias, próximas à Serra do Umã, cultivam alimentos dentro da Terra Indígena Atikum.

Até 1987, o algodão era o principal produto da região, mas uma praga atingiu as plantações e desestabilizou a economia do município, atingindo também Conceição das Crioulas. Isso, somado à perda das terras, às dificuldades de financiamento e às grandes estiagens, restringiu os cultivos dos quilombolas. Em muitos momentos, a produção não era suficiente nem para a alimentação familiar. Essas dificuldades contribuíram para a emigração de muitos jovens, que passaram a buscar trabalho em outras localidades do município de Salgueiro e nas cidades de Recife e São Paulo.

Hoje, além dos programas governamentais voltados à comunidade, a economia de Conceição das Crioulas gira em torno das aposentadorias, servidores públicos, artesanato, agricultura familiar, cadeia produtiva de caprinos e ovinos e também produção da poupa de umbu.

Os principais alimentos produzidos no quilombo são milho, feijão, macaxeira (mandioca), jerimum (abóbora) e melancia. A carne vem de pequenos criatórios que algumas famílias possuem e o pescado dos açudes. Ambos são conservados prioritariamente de maneira seca e salgada. **É comum a troca de mercadorias entre os sítios sem o uso de dinheiro.**

Solidariedade, religiosidades e tradições

“É tudo família, a comunidade é toda família. Crioula da Conceição, sendo crioulo é tudo família, é um sangue só.” (morador da comunidade).

Muitas das dificuldades em Conceição das Crioulas são enfrentadas solidariamente pelos quilombolas. A circulação de pessoas entre os 16 sítios é intensa e sua união se manifesta nas festas, brincadeiras, atividades religiosas, sociais e políticas. A colaboração no quilombo é constante. Um exemplo são atitudes como a *tapagem de casas*, quando todos são convidados a ajudar. Enquanto

alguns preparam o barro para cobrir o esqueleto das casas, as mulheres mais velhas preparam a comida. É comum essas atividades terminarem ao som de forró e contarem com a presença de parentes de sítios mais distantes ou mesmo da sede municipal.

Os períodos de novenas, como a de N. Sra. da Conceição, em dezembro, e a de N. Sra. da Assunção, em agosto, também são momentos que mobilizam todo o grupo e constituem um dos principais acontecimentos sociais do quilombo. Esta última é tida como a grande festa e conta com a presença de pessoas de toda a redondeza. A fé nos santos católicos se manifesta nas paredes da maioria das casas, onde imagens de Frei Damião, Padre Cícero, N. Sra. da Conceição, N. Sra. da Assunção, São Jorge e outros santos se fazem presentes.

O dia da novena costuma começar às 5h da manhã com a alvorada da banda de pífano e os fogos de artifício, que se repetem ao meio-dia e na hora das orações. Cada dia de novena é de responsabilidade de uma família e é realizado simultaneamente em vários sítios, tendo como celebração principal a novena rezada na Igreja de N. Sra. da Assunção. Ao final, um cortejo sai da igreja em forma de procissão, carregando velas, dá três voltas em frente à igreja e soleniza o rito final, no qual a família responsável pelo dia faz a



Dança do trancelim. Foto: Ricardo Moura. Fonte: acervo do INCRA.

troca de ramas, transferindo a organização do dia seguinte para outra família. O dia religioso se encerra com o oferecimento de uma refeição aos presentes.

As atividades religiosas são seguidas de brincadeiras de roda, forró, coco de roda ou *trancelim*, dança tradicional no quilombo. No Sítio Paus Brancos é organizado um bumba meu boi desde 1975 e em 1993 os moradores passaram a apresentá-lo nos festejos da novena e nas redondezas de Salgueiro. Outra dança tradicional é o *são-gonçalo*, realizada ao som de bumbo, rabeca e cavaquinho. Mesmo as pessoas que não participam das orações se envolvem com outros momentos da celebração.

A religiosidade em Conceição das Crioulas é permeada também pelos centros ou terreiros, que misturam elementos da umbanda, do catolicismo popular e da religiosidade indígena. Eles exercem um importante papel na vida comunitária, auxiliando os mais diversos problemas, principalmente em relação à cura de doenças. Ao longo dos sítios existem diferentes terreiros e em todos eles há imagens como de Pretos Velhos, Caboclos, Juremeiras, Jesus, Nossa Senhora e muitas outras. Algumas delas são feitas de barro pelos próprios moradores.

As benzedeadas e parteiras também exercem um importante papel na saúde da comunidade, que também conta com uma unidade do Programa Saúde da Família (PSF). Plantas nativas são usadas para diversos tratamentos, como anjico, quixabeira, ubiratanha e papaconha.

Outra atividade tradicional é o artesanato de barro, de fibra de caroá e de palha do catolé, por meio dos quais são produzidos potes, pratos, bolsas, vassouras, bonecas, dentre outros artefatos. Se a produção artesanal do algodão foi importante para que as seis fundadoras conseguissem comprar seu território e sustentar seus descendentes, hoje o artesanato representa uma alternativa importante de geração de renda, ajudando a superar desafios e fortalecer a luta pela recuperação das terras. Os produtos são vendidos em feiras, lojas e por encomendas, já tendo recebido vários prêmios.

Esses artefatos contam a história de resistência de Conceição das Crioulas e de seus antepassados, a exemplo das bonecas de caroa, que fazem homenagem a dez mulheres de grande importância na luta pelos direitos do quilombo.

Crioulas: a voz da resistência

A resistência contra a expropriação do território de Conceição das Crioulas não é recente e muitos antepassados são lembrados por sua luta. No entanto, em 1987 a mobilização política da comunidade ganhou outros contornos quando uma missão de freiras carmelitas se instalou em Salgueiro. Ao participarem da catequese, muitos quilombolas começaram a estudar os textos bíblicos e perceberam a importância de saberem contar a sua história. A partir de pesquisas com os mais velhos, eles buscaram conhecer e valorizar a sua origem como descendentes das seis crioulas. “Surgiu a proposta de formar uma comunidade eclesial de base e aí a gente começou o trabalho”, lembra João Alfredo, liderança comunitária. “Começamos a resgatar a história religiosa também com [...] esse ângulo aberto para a realidade de Conceição das Crioulas. [...] crescemos em qualidade de lideranças que hoje são capazes de lutar e refazer sua negritude dentro de Conceição.” “Negro é uma questão de família, que vem lá nos ancestrais, descendentes de Bernabé, de Virgínio Vicente Gomes, de Estêvão, de Simão; descendentes das crioulas que chegaram aqui”, diz um morador da comunidade.

Muitos jovens nesse período se tornaram importantes lideranças ligadas a diferentes movimentos sociais, como Aparecida Mendes; João Alfredo de Souza na Pastoral Rural da Diocese de Petrolina; Maria Alzira de Souza Silva, líder do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais; Andreilino Mendes e Cícero Ângelo no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro e Generosa na Pastoral Rural.



Sede da AQCC. Fonte: acervo do INCRA.

Nesse momento, houve também uma aproximação entre Conceição das Crioulas e o Movimento Negro Unificado e em 1994 foi realizado o I Encontro dos Negros do Sertão. Em 1995, o grupo estabeleceu parceria com a ONG Centro de Cultura Luiz Freire, promovendo uma articulação entre as comunidades quilombolas em Pernambuco.

Em 1998 Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares e no ano 2000 a FCP tituló uma área de 16.865 hectares à comunidade, mas não retirou os ocupantes externos. No mesmo ano, foi criada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), que passou a reunir as diversas associações existentes na maioria dos sítios. Hoje a AQCC sedia a Comissão Estadual de Articulação das Comunidades Quilombolas de Pernambuco, criada em 2003.

Ainda no ano 2000 a quilombola Givânia Maria da Silva, outra importante liderança da comunidade, foi eleita vereadora de Salgueiro, sendo reeleita em 2004. Nesse ano foi aberto um novo processo de titulação no Incra. Esse período foi marcado por ações violentas

dos fazendeiros contra os quilombolas. Muitas lideranças foram ameaçadas de morte e, em 2004, a sede da AQQC foi queimada. Apesar disso, os moradores permaneceram engajados e, em 2007, Givânia assumiu a Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais na Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (Seppir), e, depois, a Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Hoje, graças à luta contínua da comunidade, Conceição das Crioulas tem obtido muitas conquistas e melhorias. Os quilombolas conquistaram parte das terras reivindicadas e contam atualmente com oito fazendas desapropriadas no interior do território. O quilombo conquistou a primeira Biblioteca Afro-indígena do Brasil e conta com posto de saúde, centro comunitário, o Centro de Artesanato Francisca Ferreira, cemitério, correios, mercado público, quadras esportivas e campo de futebol. A AQCC se organiza através de comissões temáticas, como as de patrimônio, geração de renda, saúde e meio ambiente, educação, mulher, juventude e comunicação.



Dona Bernadina, Conceição das Crioulas. Fonte: acervo do INCRA.

Conceição das Crioulas tem hoje um projeto modelo de educação diferenciada e possui escolas nos diferentes sítios, bem como as escolas Professor José Néu, Professora Doralina Mendes e Professor José Mendes na vila central. Em 2003, os moradores conquistaram o ensino médio e contam com educadores quilombolas. **A resistência e a coragem das seis crioulas fundadoras e de todos os seus descendentes é valorizada em um projeto político pedagógico dentro das escolas e alimenta a luta de diferentes gerações pelo território livre.**

Esta narrativa foi escrita por Maria Letícia de Alvarenga Carvalho, com base no Relatório de Identificação da comunidade negra de Conceição das Crioulas – Salgueiro/PE, realizado pela antropóloga Vânia Fialho em 1998. Informações adicionais:

ALMEIDA et al. Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Fascículo 6: Quilombolas de Conceição das Crioulas, Salgueiro, Pernambuco. Brasília DF, abril 2007.

CPISP. Conceição das Crioulas. Disponível em: http://www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/pe/pe_conceicao.html. Acesso em: 06/11/15.

INCRA. Comunidade quilombola Conceição das Crioulas (PE) recebe título de mais de 800 hectares. 22/09/14. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/noticias/comunidade-quilombola-conceicao-das-crioulas-pe-recebe-titulo-de-mais-de-800-hectares>. Acesso em: 06/11/15.

LEITE, M. J. S. Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano III, Nº 6, Dezembro/2010.

SILVA, G. M. Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. 199p. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

Uma palavra da comunidade

Conceição das Crioulas

Conceição das Crioulas é uma comunidade que foi fundada em meados de 1802 por negras e negros que vieram fugidos da região Panelas D'Água. Esses primeiros habitantes conseguiram adquirir o território por meio do cultivo do algodão.

De seu histórico temos a heroica resistência das mulheres da comunidade, mas isto não foi suficiente para que o preconceito, de uma região que é formada por grandes detentores de terras, acabasse. Além disso, algumas famílias se apropriaram de parte do nosso território.

Estamos aqui há mais de duzentos anos, mas só alguns anos após a Constituição de 1988 é que começamos a ser vistos como pessoas de direitos e beneficiadas por políticas públicas específicas. Entre estas políticas, está o reconhecimento enquanto quilombola por meio da Fundação Cultural Palmares. É a partir daí que se inicia o processo de regularização fundiária. E foi diante dos conflitos com fazendeiros é que resolvemos nos organizar e legitimar a formação de lideranças dentro da comunidade, isto através de parceiros, universidades federais e outros órgãos.

Atualmente nossa principal renda vem da agricultura familiar de subsistência (camponesa), benefícios governamentais como pensão, aposentadoria e bolsa família, bem como da produção de artesanato. No momento, aguardamos a construção de uma estrada estadual que ligará a comunidade à sede do município. E precisamos de investimento para amenizar a convivência com a seca, pois vivemos no semiárido. Assim como recursos para o fortalecimento de nossa identidade étnico-racial.

Entendemos que a titulação das nossas terras é nosso maior sonho, pois com a regularização fundiária teremos direito à construção, direito à dignidade e solução de grandes conflitos instalados entre a comunidade e seus arredores.

De toda nossa luta, nos orgulhamos por ser a primeira comunidade quilombola reconhecida no Estado de Pernambuco e a primeira a ter acesso ao ensino fundamental e médio dentro do próprio território. Somos ainda o primeiro município a ter concurso para professor quilombola e colaboramos, em parceria com a comissão estadual, para construção da carta de princípios da educação escolar quilombola, que por sua vez, foi a base fundamentadora para as diretrizes da educação escolar quilombola, enquanto modalidade de ensino.

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

C331qco Carvalho, Maria Letícia de Alvarenga
Quilombo de Conceição das Crioulas / Maria Letícia de Alvarenga Carvalho.
- Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório de identificação da comunidade negra de Conceição das Crioulas – Salgueiro/PE, realizado pela antropóloga Vânia Fialho em 1998.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Fialho, Vânia. Relatório de identificação da comunidade negra da Conceição das Crioulas – Salgueiro/PE. I. Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e
Desenvolvimento Rural - NEAD

WILLY GUSTAVO DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador do Núcleo de Estudos
Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
Coordenadora Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de

narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e concepções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
Centro de Estudos
Rurais e de Políticas
Agrárias e Territoriais

CEC - AL

Quilombolas

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
2011-2014